

**DANÇA: DIMENSÃO SAGRADA OU PROFANA?**

Larissa Michelle Lara

**Resumo**

A visualização da dança a partir de duas modalidades de experiência humana constitui o foco principal deste artigo, cujo objetivo é possibilitar reflexões acerca da dança pela dimensão do sagrado e do profano, de modo a compreender certas relações estabelecidas entre estes elementos. Algumas das reflexões efetuadas tangenciaram a apropriação genérica e específica do termo dança, sua condição sagrada e/ou profana e a relação dialógica necessária entre a dança e as modalidades de experiência humana, consolidando, dessa forma, alguns encaminhamentos necessários a uma melhor compreensão do tema em questão.

**Palavras- Chave**

Dança; Sagrado; Profano.

**Abstract**

This article goals are to enable reflections concerning the dance through sacred and profane dimension, to comprehend established relationships among these elements. Some of those reflections accomplished are about the specific and generic appropriation of the term dance, its sacred and/or profanes condition and the necessary dialogic relation between dance and human experience modalities, consolidating some directions to a better comprehension of the discussed theme.

**Key-Words**

Dance; Sacred; Profane

## INTRODUÇÃO

Sagrado e profano constituem duas formas de ser no mundo que se opõem e ao mesmo tempo são complementares à vida dos indivíduos. São entendidos como opostos, dentre outras coisas, pelo fato do primeiro buscar os “desequilíbrios”, o afastamento das preocupações cotidianas, a não contenção dos desejos, o anseio pelo transcendente; o segundo, por sua vez, estaria preso aos “equilíbrios”, à racionalidade social, à estabilidade, à segurança e aos limites terrenos. Mas, o que nos teria levado a discutir a dança por meio deles? Certamente, esse é um ponto relevante a ser levantado e merece ser melhor pontuado. O grande instigador de nossas reflexões sobre a dança enquanto sagrada ou profana foi Mircea Eliade.<sup>1</sup> Embora seja um fenomenólogo das religiões e não um estudioso da dança, esse pesquisador utilizou-se da mesma para exemplificar, embora sucintamente, o processo de dessacralização do cosmos. Ao afirmar que a dança é capaz de propiciar uma reatualização dos tempos primordiais, o autor incita à investigação sobre o tipo de dança a que faz referência e a generalidade do aspecto sagrado que atribui à mesma. Desperta-nos ainda inúmeras inquietações sobre a possível condição sagrada de todas as modalidades de dança e das diferentes formas de vivência do ser dançante.

A abordagem da dança pela condição sagrado-profano que realizamos não tangencia diretamente a Educação Física, mas proporciona uma abordagem genérica que possibilita a transição para essa especificidade. A reflexão filosófica da dança a partir do sagrado e do profano representa uma construção fundamental a inúmeras possibilidades que constituem o “universo da dança”, o qual é apropriado em parte pela Educação Física como elemento da cultura corporal de homens e mulheres. Tal construção, vista por seus aspectos dinâmicos, flexíveis e dialógicos, representa uma relação paradoxal interessante e necessária aos seres que buscam formas diferenciadas de manifestação.

Visando possibilitar reflexões acerca da dança a partir das modalidades de experiência humana – sagrado e profano – e das relações estabelecidas entre estes elementos, este artigo concretiza-se enquanto parte das inquietações da pesquisadora. O texto aqui delineado discute algumas das reflexões emergidas a partir da leitura de Eliade,<sup>2</sup> tangencia o processo de (des)sacralização, adentra os elementos que levariam à visualização da dança pela condição sagrada e/ou profana e busca alguns encaminhamentos que melhor orientem as idéias trabalhadas.

---

<sup>1</sup> *O sagrado e o profano: a essência das religiões; Mitos, sonhos e mistérios; Mito do eterno retorno: cosmo e história* – são algumas das obras de Mircea Eliade.

<sup>2</sup> ELIADE, M. *Mito do eterno retorno*.

## A (DES)SACRALIZAÇÃO

A sociedade moderna em muito diferencia-se das sociedades arcaicas e muitas dessas diferenças podem ser sentidas quando questões referentes ao sagrado e ao profano são postas em discussão. Nos primórdios da civilização não se conhecia o profano pois tudo era sagrado, ligado a divindades que protegiam os homens em suas caças, guerras, alimentação e colheitas. Com as transformações pelas quais a sociedade veio passando e, sem fazer aqui menção exata ao período de ocorrência das mesmas, a dessacralização do cosmos veio à tona e o profano ocupou espaço no cotidiano de homens e mulheres. Como argumenta Eliade: “(...) podemos dizer que o mundo arcaico nada sabe a respeito de atividades ‘profanas’; todos os atos que possuem significado definido – a caça, a pesca, a agricultura; jogos, conflitos, sexualidade – de algum modo participam do sagrado.”<sup>3</sup> E continua seu raciocínio afirmando que qualquer atividade em busca de um propósito definido era considerado um ritual e que a maior parte dessas atividades veio passando, na sociedade moderna, por um processo de dessacralização e transformando-se em profanas.

As origens da dança remontam aos tempos primordiais e são explicadas de formas diferenciadas, através da formação do universo, do aparecimento da religião, do surgimento do próprio homem e/ou até mesmo por meio do ato de acasalamento dos animais. Independentemente das compreensões acerca de sua origem, a idéia de que a dança teria surgido num tempo primordial, onde tudo era sagrado, parece não ser contestada. O destino dos homens estava nas mãos da natureza e a transformação desta somente poderia se concretizar a partir do respeito e devoção humanos.

Os povos primitivos pareciam utilizar a dança como uma forma de transbordamento emotivo e desordenado dos temores, afetos, iras, sem outra organização que a imposta pela estrutura do corpo.<sup>4</sup> O misticismo estava bastante presente e os ritos tinham por meta o uso da feitiçaria para intervir na natureza, cujas forças agiam sobre o cotidiano e o homem. Este último julgava-se “(...) capaz de exercer um poder sobrenatural sobre a natureza, sobre os animais e as plantas, por meio de práticas mágicas, nascidas ao mesmo tempo que as crenças religiosas”.<sup>5</sup>

A dança parece ter sido um meio de se buscar a concretização de um poder sobrenatural por meio dos ritos. Embora no período equivalente ao regime comunitário primitivo não houvesse ainda a escrita para o registro de tais dados, as figuras nas paredes das cavernas parecem revelar rituais religiosos, costumes

<sup>3</sup> Ibid, p. 33.

<sup>4</sup> OSSONA, P. *A educação pela dança*, p. 42.

<sup>5</sup> DIAKOV, V & KOVALEV, S. *A sociedade primitiva*, p. 61.

daquela sociedade, como a caça e a alimentação, onde movimentos dançantes estariam representados. As mudanças que levaram o homem a se familiarizar com a agricultura e a domesticação de animais fizeram com que o controle da natureza fosse buscado através dos ritos de fertilidade que integravam danças, dramatizações, sacrifícios sangrentos e símbolos fálicos. A magia e a feitiçaria, que antes eram realizados para interferências junto à natureza com o intuito de garantir colheitas fartas, passaram a ser substituídos pelos ritos e cultos, onde buscava-se adorar espíritos, enterrar os mortos, entregar o destino a seres espirituais e a utilizar a dança nestes cerimoniais.

Nos tempos primordiais, a relação dos homens com os deuses era de reciprocidade, entendida como necessária e fundamental. Isto porque os deuses regulavam a vida, o cosmos e a sobrevivência. Em troca, os deuses intervinham na natureza para beneficiá-los. Essa força superior, misteriosa, indecifrável, na qual os homens acreditavam, é que conferia o caráter sagrado às atividades, aos objetos e às relações humanas daquele tempo. No entanto, essa sociedade sagrada foi assumindo valores diferenciados a ponto de tais transformações levarem os homens a uma ruptura da universalidade do sagrado em prol do profano da sociedade moderna. Ou seja, o profano passou a assumir o lugar que antes era do sagrado, levando-o a ser sublimado nos dias de hoje.

A dança acompanhou esse processo de transformações da sociedade e sua condição sagrada cedeu espaço ao profano. É possível percebê-la em espaços diferenciados na sociedade moderna e sob diferentes formas, como nos momentos de lazer dos indivíduos (bailes, festas, danceterias), em instâncias educacionais e formadoras (escolas, faculdades, academias, grupos), em manifestações religiosas (templos, terreiros, igrejas), dentre outros. Contudo, sua sacralidade não foi extinta; talvez, camuflada. A condição profana na dança encontra-se mais evidenciada que a sagrada (compreensível pela acentuada dessacralização da sociedade em que vivemos), porém, não menos relevante. Poderíamos dizer que a dança representa um misto de primórdio e contemporaneidade, de sagrado e profano, percebido tanto nas diferentes formas de manifestação dançante quanto no ser que experiencia tais manifestações. Sobre a condição da dança, nesse contexto, temos muitas reflexões a efetuar.

## ENTRE O SAGRADO E O PROFANO

Ossona,<sup>6</sup> quando discute a questão “Por que dançar?”, considera que os movimentos dos indivíduos vão se ordenando em tempo e espaço e que representam a válvula de liberação de uma tumultuosa vida

<sup>6</sup> Op.cit. p. 19.

interior que escapa à análise, constituindo formas de expressão dos desejos, alegrias, pesares, gratidão, respeito, temor e poder. Afirma que estes sentimentos estão relacionados com a necessidade material do grupo humano primitivo (amparo, abrigo, alimento, defesa, procriação, comunicação e outros). Ou seja, procura fazer uma relação dos sentimentos do homem dos primórdios com os sentimentos do homem do presente, interessante na medida em que várias transformações ocorreram e alguns “fios condutores” ainda ditam peculiaridades num espaço grande de tempo.

Eliade, na obra *Mito do eterno retorno*, discute a existência do homem tradicional e a existência do homem moderno. Para tanto, trabalha com duas visões. A primeira é arquetípica e a-histórica; a segunda é moderna e pós-hegeliana (o autor entende que foi a partir de Hegel que o historicismo passou a se concretizar). A todo momento eleva a capacidade de retorno aos primórdios e à vivência do arquétipo<sup>7</sup> em detrimento da história da sociedade moderna que escraviza os homens, impedindo-os à busca de liberdade. Ao trabalhar a questão dos arquétipos de atividades profanas toma a dança como exemplo para falar do processo de dessacralização. Essa consideração é importante para lembramos que essa obra de Eliade não é sobre dança, mas se apropria da mesma em várias reflexões, principalmente no que diz respeito aos rituais. Contudo, sua visualização acerca da dança foi importante em nosso estudo para que pudéssemos traçar as primeiras coordenadas. Assim ele inicia o pensamento: “Vamos tomar a dança como exemplo. Originalmente, todas as danças eram sagradas; em outras palavras, elas desfrutavam de um modelo extra-humano(...)”<sup>8</sup>

Ao enfatizar que originalmente todas as danças eram sagradas, talvez o autor quisesse dizer que hoje nem todas o fossem, principalmente porque toma a dança como exemplo para explicar o processo de dessacralização. Contudo, quando o mesmo fala que uma dança sempre imita um gesto arquetípico ou comemora um momento mítico, pressupõe o retorno ao sacralizado das danças, mais evidenciado quando conclui: “Em suma, ela é uma repetição e, conseqüentemente, uma reatualização, de *illud tempus*, ‘daqueles dias’.”<sup>9</sup>

Essa repetição<sup>10</sup> de que fala o pesquisador não se trata de repetir apenas uma situação mitológica, mas

<sup>7</sup> Eliade não se utiliza das idéias de Jung sobre os arquétipos. Prefere a compreensão do termo como sinônimo de modelo exemplar ou paradigma. Campbell, ao contrário, discute a questão dos arquétipos com base em Jung, entendendo-os como idéias elementares ou idéias de base (Jung chamou de arquétipos do inconsciente). Ver CAMPBELL, J. & MOYERS, B. *O poder do mito*.

<sup>8</sup> Ibid, p. 33-34.

<sup>9</sup> Ibid, p. 33.

<sup>10</sup> Gusdorf entende que a palavra repetição de que se utiliza é mais adequada do que o termo “eterno retorno” proposta por Eliade em seus estudos, já que a idéia de retorno supõe um tempo, não sendo consciente pelo pensamento primitivo. O eterno retorno visaria a identidade do tempo na dispersão do outro, ameaçando a unidade. Porém, Eliade também utiliza o termo repetição e parece estabelecer uma sinonímia com o eterno retorno, o que a nosso ver não deixa

envolve criação, principalmente pelo surgimento de um homem novo, renovado no plano supra-humano; um homem-deus. Envolve liberdade, pois seu modo de existência lhe permite ser livre e criar, ao contrário do que chama de homem histórico.<sup>11</sup>

Gusdorf<sup>12</sup> entende que o mundo da repetição é o mundo da criação continuada que proporciona a vivência do tempo primordial. Nas suas palavras: “Quer isto dizer que o tempo atual é sempre o ‘tempo primeiro’, o tempo escatológico em que todas as coisas aparecem novas.”<sup>13</sup> Baseado em tais idéias, a repetição será compreendida por nós não como algo alienante, que exclui a capacidade criativa do ser humano, mas como uma forma de “reviver”, de resgatar a mitologia e o tempo mítico nas condições sociais do hoje e na perspectiva do “novo”.

Se pensarmos nas considerações de Eliade, a dança, mesmo nos dias atuais, seria potencialmente capaz de reiterar os tempos primordiais. Essa reiteração implica em repetir, renovar, reviver o sagrado, ou seja, restaurar situações vividas em épocas muito antigas. Isto nos leva a pensar que todas as danças, sem distinção, levariam ao sacralizado, principalmente pela afirmação: “(...) o fato é que uma dança sempre imita um gesto arquetípico ou comemora um momento mítico”.<sup>14</sup>

Mas, será que poderemos falar por generalizações? Tomando por exemplo a questão do jogo discutida por Caillois<sup>15</sup>, um ponto parece permanecer ainda em litígio para o autor: a existência de um único termo (jogo) a abranger várias atividades que somente apresentariam o seu nome em comum. Entende que uma grande importância seja atribuída ao jogo enquanto conduta lúdica. No entanto, pode-se duvidar, no entendimento de Caillois, que apenas esta palavra seja suficiente, o que leva o autor a mencionar o embaraço de Johan Huizinga ao constatar que nem todas as línguas reúnem os vários jogos numa única palavra. Assim, observa que o contrário é que seria inesperado, ou seja, surpreenderia se um único termo conseguisse reunir toda a diversidade.

Transportando estas inquietações para a dança, poderíamos nos questionar: Será que um único termo (dança) seria capaz de contemplar as mais variadas manifestações? Entendemos que seria difícil fazer referência a um termo em específico, mas determinadas generalizações também são perigosas. Assim,

---

de ser viável.

<sup>11</sup> ELIADE, M. op. cit., p. 135.

<sup>12</sup> GUSDORF, G. *Mito e metafísica*, p. 42.

<sup>13</sup> *Ibid*, p. 42.

<sup>14</sup> ELIADE, M. op. cit. pp. 33-4.

<sup>15</sup> CAILLOIS, R. *O homem e o sagrado*, p. 152.

mesmo compreendendo a limitação de uma abordagem genérica, preferimos utilizar o termo dança, no momento, em sua forma abrangente, sem pensarmos em afirmações fechadas em si mesmas, mas em construção de idéias, o que buscaremos aprofundar numa outra ocasião.

A afirmação de Eliade acerca da dança enquanto reiteração do sagrado apresenta-se em termos genéricos, talvez, pensando no “reviver” do sagrado a partir da manifestação dos gestos arquetípicos dos indivíduos por meio da dança. Ou seja, toda dança traria consigo a ritualização dos primórdios porque toda movimentação já haveria sido realizada no “*Grand Temps*” e apenas atualizada nos dias de hoje. Representaria a vivência de modelos exemplares,<sup>16</sup> ocasionaria repetição e buscaria uma ruptura com o profano. E isto faz sentido. No entanto, apenas nos salvaguardaremos das especificidades, embora também entendamos que estas limitam o significado maior das danças à vida dos indivíduos.

Essa atualização de que falamos é vista pelo significado análogo ao da repetição. A dança como uma possibilidade de ritualização dos primórdios traria consigo a repetição dos gestos exemplares dos deuses. No entanto, uma repetição tal qual nos tempos primordiais não será pensada por nós, principalmente porque os indivíduos são outros e o contexto é diferenciado. No entanto, visualizando a repetição não como reprodução mas como “renovação”, é possível entender por este ângulo, embora a palavra “atualização” pareça levar mais em consideração a questão das mudanças e retratar uma repetição na atualidade. É por isso que em alguns momentos optamos pelo termo “atualização”, ou seja, para frisar a repetição na sociedade moderna.

Caillois, ao discutir a festa,<sup>17</sup> refere-se à mesma enquanto sagrada. No entanto, o preâmbulo da obra *O homem e o sagrado* nos leva a uma outra visualização. O autor coloca que as conclusões somente são válidas para a média dos fatos e que, certamente, não existe festa que se identifique inteiramente pela teoria esboçada, pois cada uma preencheria uma função precisa num momento preciso. É claro que essa afirmativa nos proporcionou uma certa “tranqüilidade”, principalmente porque a nossa visualização sobre certas especificidades de festas não encontravam espaço nas considerações do autor, o que não convém discutir no momento. Isso nos deixou mais livres para novas construções. Talvez a mesma consideração de Caillois acerca da festa pudesse ser atribuída à dança por Eliade,<sup>18</sup> embora o mesmo não tivesse feito

<sup>16</sup> Eliade entende que os modelos exemplares constituem uma das conotações essenciais do comportamento mítico, assim como a repetição, a ruptura do período profano e a integração no período criador. Os modelos exemplares assim se tornaram pelas suas ações nos primórdios e representam, ainda hoje, o suporte que orienta a vida dos indivíduos, por representarem o modelo ideal a ser seguido.

<sup>17</sup> Op. cit., p. 96-124.

<sup>18</sup> Op. cit., p. 33-34.

essa ressalva, pelo menos nas obras trabalhadas nesse estudo. A dança enquanto reiteração dos tempos primordiais poderia ter sido visualizada com base nas danças das comunidades pré-industriais e não nas suas inúmeras manifestações da sociedade moderna. Mas, isso não nos impossibilita o pensamento de que talvez Eliade<sup>19</sup> visse realmente em todas as danças a repetição do tempo mítico, o que não significa que devemos vê-la por este ângulo.

Entendemos que as danças “podem” levar à manifestação do sagrado e à vivência dos primórdios e não que todas levem a tal vivência, tomando por base as considerações já realizadas. Também entendemos que, em algumas ocasiões em que a dança encontra-se presente, o caráter do sagrado nos parece inegável e a vivência do mito torna-se mais patente. Quando o momento e o lugar são sacralizados, o corpo encarna sentimentos subliminares e expressa intenções e pensamentos dos inconscientes individual e coletivo.<sup>20</sup>

### **O SER DANÇANTE E A CONDIÇÃO SAGRADO-PROFANO**

Retomando algumas idéias já discutidas e pensando na dança pelo sentido maior enquanto manifestação, poderíamos entender que, como todos os gestos humanos já haveriam sido realizados em tempos primordiais, o que estaria acontecendo atualmente seria uma coligação do ser que dança com ancestrais que ele transcende na experiência pessoal. Isso pressupõe um retorno ao sagrado e a esta condição. Mas, se pensarmos nas especificidades de cada situação onde a dança esteja presente e nas individualidades de entrega a tal manifestação, não arriscaríamos falar de uma reiteração do sagrado por todas as danças, mesmo no mundo profano, ou buscar exatamente o ponto em que o profano cede espaço ao sagrado. Assim, intentamos apresentar a idéia de que a dança pode manifestar o seu caráter sagrado, mas é preciso estar apto a “deixar acontecer”. Caso contrário, essa manifestação dar-se-á, talvez, apenas no inconsciente de homens e mulheres.

Garaudy faz menção interessante às questões do sagrado.<sup>21</sup> Afirma que nossa existência nos revela que o sagrado é também carnal (ao contrário do que poderiam pensar muitos) e que o corpo pode ensinar aquilo que um corpo que se quer desencarnado não conhece: a grandiosidade do ato em que o homem não está fragmentado, mas presente por inteiro naquilo que realiza. Tal entendimento nos remete à visualização do

<sup>19</sup> Ibid., p. 33-34.

<sup>20</sup> O inconsciente individual de que trata Jung consiste inteiramente de experiências de vida pessoal, individual. As fantasias mitológicas, por exemplo, não correspondem às experiências pessoais, mas ao mito. O inconsciente suprapessoal ou inconsciente coletivo vem a ser uma expansão do ser humano para além de si mesmo, manifestando-se no artista, na imaginação do pensador e na experiência dos religiosos. Tais idéias podem ser observadas em JUNG, C. G. *Civilização em transição*.

<sup>21</sup> GARAUDY, R. *Dançar a vida*, p. 16.

sagrado como algo próximo a nós, capaz de propiciar uma visão do “todo” que constituímos.

Maurice Béjart, ao prefaciar a obra *Dançar a vida*, de Roger Garaudy, faz a seguinte consideração: “A dança é um rito: ritual sagrado, ritual social. Encontramos na dança essa duplicação que está na origem de toda atividade humana.”<sup>22</sup> Tal colocação nos remete à compreensão da dança por Béjart, ao mesmo tempo sagrada e profana. A condição de dança sagrada dar-se-ia por meio do incompreensível, do contato com o sobre-humano, onde seria vista como originária da necessidade de “dizer o indizível, de conhecer o desconhecido, de estar em relação com o outro.”<sup>23</sup> Já a dança enquanto profana aconteceria a partir da participação dos indivíduos em um dado grupo étnico, social e cultural, onde o gesto é quem daria existência a esta união, através da junção das mãos, das respirações, das danças folclóricas... Nesse sentido, essas duas possibilidades deveriam ser levadas em consideração na visão de Béjart, evidenciadas, principalmente, por meio da seguinte idéia: “Dança sagrada, dança profana: o solista só diante do desconhecido metafísico; o grupo unido em sua função social – a origem e a realidade de toda dança deve ser procurada nessas duas formas essenciais.”<sup>24</sup>

A compreensão de Béjart remete-nos a um modo de pensar, se não diferenciado, mais transparente do que o explicitado por Eliade e que buscávamos ao longo desse processo de discussões. Ou seja, a existência de danças sagradas, onde a comunhão com Deus, deuses ou com a interioridade de cada ser possa ser vislumbrada, e a existência de danças profanas, mais ligadas à convivência com o próximo, à comercialização e a diferentes manifestações culturais.

Mesmo com uma certa maleabilidade em torno de considerações acerca da dança enquanto sagrada ou profana, arriscamos algumas compreensões. A dança profana poderia ser pensada a partir do momento que o indivíduo que dança estabelece uma relação de comunhão com o próximo, de sedução e/ou de comercialização, dentro da estabilidade e segurança dos limites sociais; e sagrada a partir da comunhão com uma força superior, um mistério, um impulso capaz de levar à vivência de tempos e espaços diferenciados que transcendem a própria condição humana no “reviver” uma situação mitológica.

Se pensarmos nas várias possibilidades fornecidas pelo que poderíamos denominar de “universo da dança”, encontramos classificações como: dança de salão, dança moderna, dança contemporânea, dança ritual, dança folclórica, dança popular, dança clássica e outras. Refletindo esses exemplos de modalidades

<sup>22</sup> Ibid, p. 8.

<sup>23</sup> Ibid, p. 8.

<sup>24</sup> Ibid, p. 8.

de dança, poderíamos perguntar: qual dessas modalidades é sagrada e qual é profana? Parece impossível fornecermos respostas; apenas nos submetemos a reflexões. Assim, a nossa compreensão sobre dança sagrada e profana passa por duas possibilidades, ou seja, pela “modalidade” de dança e pelo “ser” dançante. Contudo, a possibilidade “ser dançante” contempla mais efetivamente o nosso posicionamento frente a essas questões,<sup>25</sup> o que buscaremos elucidar.

Tomemos por exemplo a dança folclórica. Esta, pelo seu caráter de manifestação cultural, representação dos costumes e hábitos de um povo, poderia ser entendida como profana, com base nas considerações de Bédart. No entanto, levando-se em conta algumas características de ingresso no sagrado, como a capacidade de transcendência, a atemporalidade e o comportamento mítico, o ser dançante poderia viver essa experiência folclórica pelo sagrado, pela entrega e busca interior. O inverso também aconteceria. Imaginemos um filho-de-santo num terreiro de candomblé. O tempo/espço mítico, marcado pela roda, pelos cânticos, pelos atabaques, levaria o mesmo a vivenciar o sacralizado. Contudo, imaginemos que esse filho-de-santo não consiga se entregar ao momento mítico, centrando sua atenção em certas preocupações que o desloquem para situações do cotidiano, para as dificuldades ocasionadas pelo mesmo. Tal idéia pode parecer absurda, dado o poder do ritual em transportar pessoas para tempos e espaços diferenciados, mas não impossível. O filho-de-santo viveria, ao contrário do esperado, um comportamento profano por meio da dança, embora pudesse estar passando a imagem da vivência de um comportamento mítico. São possibilidades que utilizamos para pensar a dança, o que nos levou à compreensão do sagrado e do profano na dança não apenas pelas modalidades existentes, mas, em especial, pelo ser dançante.

Mediante tais considerações, será que poderíamos afirmar que a dimensão sagrada é revelada pela modalidade de dança? Ou será que outros elementos como a ocasião, a subjetividade e a situação dialógica do ser dançante não retratam melhor a sacralidade?

Em qualquer modalidade de dança – sagrada ou profana – o “dançar” pode revestir-se de um transcender que remete o ser dançante à dimensão sagrada. Nem sempre a dança considerada sagrada e/ou profana coincide com as formas de experienciar a dança pelo ser dançante. Mas, independente do foco de análise (modalidade ou ser dançante), é preciso elucidar que a dialogicidade sagrado-profano é necessária e

<sup>25</sup> A compreensão da dança pelo “ser dançante” nos leva a pensar num ser que se movimenta, que expressa a sua subjetividade e interioridade. Já a compreensão pela “modalidade” não tange necessariamente o ser, mas a forma. Pelo “ser dançante” consideramos as individualidades que levariam cada pessoa ao ingresso no mundo sagrado e profano. Pela “modalidade”, analisamos a dança reveladora em si mesma, em suas características e não nos sujeitos que a experienciam.

fundamental. Entendendo o *eu-tu* discutido por Buber e visualizado por nós como sendo sagrado e o *eu-isso* como sendo profano, a dialogicidade poderia ser compreendida da seguinte forma: “E com toda seriedade da verdade, ouça: o homem não pode viver sem o ISSO, mas aquele que vive somente com o ISSO não é homem.”<sup>26</sup> Assim, a plenitude, a atitude de encontro, a totalidade do ser, a sacralidade, o *eu-tu* na dança, são necessários tanto quanto a atitude objetivante, o utilitarismo, a profanação, o *eu-isso*.

Embora tenhamos esboçado algumas compreensões sobre a dança em sua dimensão sagrada e/ou profana, entendemos que abordamos apenas uma pequena parte de um tema inesgotável. Abrem-se assim brechas a novas interlocuções e a outros encadeamentos de idéias. Mas, como é preciso respeitar limites nesse momento de construção do conhecimento, em termos de tempo e espaço, deixemos ao menos que as novas idéias nos levem a outras transposições, temporalidades e transcendências.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão da dança pela condição sagrada e/ou profana que procuramos estudar busca a exclusão dos reducionismos e enquadramentos. Estimula o indefinido e as reflexões, as quais nos possibilitaram tentativas de acerto e possíveis desencontros. A trajetória percorrida exigiu de nós alguns encaminhamentos, o que buscaremos elucidar mais efetivamente nesse momento conclusivo.

Tendo como objetivo possibilitar reflexões acerca da dança pelos aspectos do sagrado e do profano, de modo a compreender certas relações estabelecidas entre estes elementos, acreditamos que algumas das reflexões efetuadas tangenciaram praticamente as seguintes abordagens: *visualização da dança como reiteração dos primórdios; generalidade e especificidade do termo dança; dança enquanto condição sagrada e profana; modalidades de dança e de ser dançante; relação dialógica sagrado-profano-dança.*

A dança como uma forma de reiterar os tempos primordiais (idéia vislumbrada por Eliade) é interessante pela compreensão de uma repetição dos gestos arquetípicos por todas as danças, mas não contempla na íntegra nossas expectativas. Isso poderia ser explicado da seguinte forma: se toda a gestualização dançante carrega consigo o sagrado por ter sido realizada em tempos remotos, outras gestualidades não dançantes também poderiam ser compreendidas como sagradas e, nem sempre o são, principalmente na sociedade dessacralizada em que vivemos. Nesse sentido, preferimos a abordagem da dança pela existência de duas categorias em sua dependência relacional: dança sagrada e dança profana, onde são

<sup>26</sup> BUBER, M. *Eu e tu*, p. 39.

evidenciados tanto a necessidade de relação com a própria interioridade, com deuses, com ancestralidade e transcendência, bem como a necessidade de contato com outras pessoas, de sedução/conquista e ludicidade, sem uma demarcação fixa e precisa de ingresso num ou noutro mundo.

Sobre a questão da generalidade e da especificidade do termo dança, entendemos que a abordagem genérica pode incorrer no erro de eliminar as exceções e as diferenças, ou até mesmo de dificultar a compreensão do próprio autor (como ocorreu na leitura de Eliade). Contudo, especificar a dança por suas modalidades e especificidades (moderna, clássica, contemporânea e outras) é reduzir o sentido maior da gestualidade humana, fragmentando-a. Nesse sentido, preferimos a abordagem genérica do termo “dança” com ressalvas para a diversidade existente que dificilmente se adequa na íntegra a uma única abordagem.

A visualização da dança como sagrada e/ou profana é perfeitamente possível, principalmente quando pensamos em uma modalidade de dança no seu contexto geral (dançarinos, música, coreografia, gestualidade, tempo, espaço). Contudo, ao nos referirmos às partes que compõem o todo (ao ser dançante, por exemplo), a visualização da dança pela condição sagrada e/ou profana tende a ser mais flexível, principalmente porque cada pessoa tem as suas particularidades de ingresso ou não no mundo mítico.

Sagrado e profano devem buscar uma relação dialógica na dança, para que um não degrade ou aniquile as forças do outro, já que a instituição e manutenção do vai-e-vem é indispensável entre esses domínios. Assim como é inviável, no contexto atual, pensar uma sociedade totalmente dessacralizada, é também pretensioso falar de danças profanas em detrimento das sagradas e vice-versa. Ambas as modalidades de dança (sagrada ou profana) e ambas as formas de manifestação do ser que dança (comportamento sagrado ou profano), consolidam necessidades prementes do ser humano. Não constituem novas fragmentações, mas buscam interagir seus paradoxos. A ludicidade, a sedução/conquista, a atitude objetivante, o cultural, são necessários tanto quanto a sacralidade, a transcendência, a atemporalidade e a repetição gestual. Não há como negar tais relações; devemos sim pensá-las como uma interação dialógica: sagrado-profano-dança.

**REFERÊNCIAS**

- BUBER, M. *Eu e tu*. São Paulo, Moraes, 1974.
- CAILLOIS, R. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- CAMPBELL, J.; MOYERS, B. *O poder do mito*. São Paulo: Palas Athena, 1990.
- DIAKOV, V.; KOVALEV, S. *A sociedade primitiva*. São Paulo: Global, 1987.
- ELIADE, M. *Mitos, sonhos e mistérios*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- \_\_\_\_\_. *Mito do eterno retorno: cosmo e história*. São Paulo: Mercuryo, 1992.
- \_\_\_\_\_. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- GARAUDY, R. *Dançar a vida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- GUSDORF, G. *Mito e metafísica*. São Paulo: Convívio, 1979.
- JUNG, C. G. *Civilização em transição*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1974.
- OSSONA, P. *A educação pela dança*. São Paulo: Summus, 1988.

**Larissa Michelle Lara**

Faculdade de Educação Física da Unicamp

E-mail: larissa@fef.unicamp.br

**Referência do artigo**

**ABNT**

LARA, M. L. Dança: Dimensão sagrada ou profana. *Conexões*, v.1, n2, p. 94-107, 1999

**APA**

Lara, M. L. (1999). Dança: Dimensão sagrada ou profana. *Conexões*, 1(2), 94-107.

**VANCOUVER**

Lara M L, Dança: Dimensão sagrada ou profana. *Conexões*, 1999; 1(2); 94-107.